

# O BALNEÁRIO PÚBLICO DO HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO

## THE PUBLIC BALNEARY OF THE HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO

SÓNIA FARIA\*

### Resumo:

O Homem desde sempre procurou na água, para além do seu aspeto higiénico, um processo terapêutico capaz de, senão curar, pelo menos proporcionar uma melhoria das funções do organismo.

A partir da segunda metade do séc. XIX a Hidroterapia será aclamada como *forma de prevenir as doenças e curá-las quase todas, só por meio da água*. Pretensão excessiva, mas reconhecendo-se as vantagens e efeitos terapêuticos da aplicação da água, será num contexto de incitação no foro médico das aplicações hidroterapêuticas, já não empíricas mas racionais, associadas aos conhecimentos de Física e de Fisiologia, que será inaugurado a 12 de junho de 1908 o Novo Balneário Público do Hospital de Santo António (HSA). Instalado na ala norte, era descrito como *um estabelecimento de primeira ordem, modelar entre todos os do nosso país, pondo-se a par, no dizer dos entendidos, das principais instalações de Hidroterapia do estrangeiro*, e tornando-se uma referência na construção de outros balneários no país.

Apesar da frequência elevada, a necessidade contínua de ampliação e atualização das instalações, bem como o seu constante *deficit* anual, ditaram a implementação de diversas medidas ao longo dos anos 60 e 70 do séc. XX, que culminaram no abandono e encerramento daquela que foi durante décadas a única instalação deste género no Porto.

### Abstract:

Man has always searched in the water, beyond its hygienic aspect, a therapeutic method capable of cure or, at least, provide an improvement of certain body functions. From the second half of the nineteenth century, hydrotherapy will be highly acclaimed as a way to prevent diseases and heal them. Despite being an exaggerated notion, we can recognize the benefits and therapeutic effects of the application of

---

\* Museóloga do Museu do Centro Hospitalar do Porto; DEFI-CHP

water through its different states. It will be in an incitement context, by doctors, of hydrotherapy, no longer empirical but rational, combined with the knowledge of Physics and Physiology that will be inaugurated on June 13, 1908 the new Public Balneary of the Hospital de Santo António (HSA).

Installed in the north wing, it was described as an important establishment, model among all of our country, putting it up to date, in the experts' words, when compared with the main hydrotherapy facilities abroad, becoming a reference to the construction of other balnearies in Portugal.

Despite its high frequency, continuous need to expand and upgrade the facilities, as well as its annual deficit, dictated the implementation of various measures over the 60s and 70s of the twentieth century that led to the abandonment and closure of what was, for decades, the only facility of its kind in Porto.

**Palavras-chave:** Balneário, Hospital de Santo António, Hidroterapia

**Key Words:** Balneary, Santo António Hospital, hydrotherapy

## A hidroterapia e as suas aplicações terapêuticas

A história da água como agente terapêutico usado na cura de muitas doenças começa na pré-história. Considerada como sagrada, meio de cura que brotava das entranhas da terra para combater a doença, castigo enviado por Deus, o emprego das águas, nas diferentes religiões, mostra-nos qual a importância que o seu uso atingiu na antiguidade, quer como meio higiénico, quer como remédio para grande número de doenças.

*“Foi a agua a primeira de todas as tisanas! Moisés, entre os Israelitas, ordenava o uso dos banhos como lei moral e prescripção religiosa, e Mahomet deu a seus compatriotas um código de práticas religiosas e higienicas, em que dominava o uso da agua fria. Entre os gregos, vemos o uso que os medicos-padres faziam d’ella. Junto de cada templo se achava uma fonte; tal era a de Platée proximo do templo de Esculápio em Corona, e attestam-nos com seus escriptos Virgilio, Seneca, Plínio o novo, e outros, que os romanos tinham perfeito conhecimento das virtudes curativas e higienicas da agua fria.*

*As regras higienicas e medicas da dietética foram traçadas por Hippocrates, explanadas por Celso, e depois d’estes ainda foi mais longe Galeno, o qual dizia: «que a agua seja de repente levada sobre o corpo nas doenças nervosas e os doentes serão consolados, curados.»<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> ABREU, Augusto Cesário de Vasconcellos – *Um Capitulo de Hydrotherapia dos efeitos physiologicos e therapeuticos dos principaes agentes hydrotherapicos*. Dissertação inaugural apresentada à Escola Medico-Cirurgica do Porto. Porto, 1877, p. 8.

Estas práticas serão contudo abandonadas na idade média, renascendo a partir do século XVII, motivado por diversos estudos médicos relacionados com o desenvolvimento da hidroterapia nas suas valências preventivas e curativas. Apesar de vários trabalhos de observação desenvolvidos por distintas figuras médicas, como Hoffmann, Floyer, Wright, Schedel ou Currie, a popularização da hidroterapia empírica data de Vicente Priessnitz, o qual aplicava o seu método impressionado por ideias humorais que possuía:

*“A harmonia que deve existir entre todas as partes constitutivas do corpo, era destruída por matérias peccantes, princípios morbíficos que existiam no sangue e que Priessnitz fazia eliminar provocando a diurese em abundância, pelo emprego da agua interiormente, e pela diaphoresis, excitando a pelle pelo emprego de compressas húmidas e outros meios applicados em diferentes partes do corpo. Debaixo da acção d’estes meios, de que tão empiricamente usava, viam-se apparecer eruções, furúnculos, etc., phenomenos estes a que Priessnitz chamava crises, e de que os seus doentes deviam regosijar-se, apesar dos soffrimentos grandes por vezes, porque eram o signal da cura. Na Inglaterra, Bélgica e Prussia, criam-se estabelecimentos hydrotherapicos, mas longe de n’elles se instituírem práticas scientificas, eram seguidos os mesmos processos systematicos e empiricos de Priessnitz”<sup>2</sup>.*

Será contudo o médico francês, Luiz de Fleury, que elevará as aplicações hidroterapêuticas do domínio empírico ao científico, introduzindo-as no foro médico. Pondo de parte as teorias humorais de Priessnitz, Fleury chegará a um novo método, aplicado racionalmente e não sistematicamente, baseando-se nos conhecimentos da Física, Química, Fisiologia e Patologia, publicando em 1875 o seu “*Traité d’Hydrothérapie*”.

Reconhecendo-se as vantagens e efeitos terapêuticos da aplicação da água, mediante os seus diferentes estados, a Hidroterapia será aclamada como *forma de prevenir as doenças e curá-las quase todas, só por meio da água*. Será nesta verdadeira época de apaixonada terapêutica pela água, de incitação de um novo olhar sobre a medicina, atribuindo-se maior valor ao corpo, ao meio natural que o cerca e também à física, em detrimento do monopólio terapêutico da química, que será criado o Balneário do Hospital de Santo António.

## O Balneário Público do Hospital de Santo António

A primeira referência a tratamentos hidroterapêuticos no Hospital de Santo António remete-nos para 1886/1887. Com a designação de “*Casa de Banhos*” e de projeto elaborado pelo habilíssimo clínico Dr. Tito Augusto Fontes, esta

<sup>2</sup> *Ibidem*, p.20.

dependência ficará a funcionar num aposento deixado pela Escola Médico-Cirúrgica, servindo a doentes internos e externos.

*“Cria-se deste modo n´este hospital um estabelecimento hydrotherapico, que aproveitará a doentes internos e externos. Inquestionavelmente é uma grande obra, absolutamente indispensavel e que há de tornar-se em economia para a casa, porque a hydrotherapia é hoje um dos meios a que mais recorre a medicina no tratamento de algumas doenças. [...] Deverá estabelecer-se outro analogo para o lado das mulheres, que tambem d´elle muito necessitam, por serem insufficientes os banhos pelo systema em vigor.”*<sup>3</sup>

Entre 1903/04 efetuam-se alguns melhoramentos, encetam-se vários tipos de banhos e passará a denominar-se “Sala de Hydrotherapia e Banhos”:

*“... terminação da installação de uma sala de hydrotherapia e banhos, comprehendendo a tribuna com misturador e com 4 torneiras para os diversos aparelhos; duche de chuva; duche circular com chuveiro; duche vaginal, perineal e dorsal; e sete banheiras; a agua quente para esses aparelhos é fornecida por um termo-syphão installado exteriormente ao edificio.”*<sup>4</sup>

Contudo os graves problemas estruturais, como a deterioração do pavimento da sala de duches da galeria do nascente, a ponto de esta ameaçar ruir, a carência de ainda concorrer apenas uma sala de duches comum para ambos os sexos e uma elevada frequência, redundando em elevadíssimos tempos de espera<sup>5</sup>, ditarão que seja aprovado, em 2 março de 1907, um novo projeto para a Casa de Banhos.

Considerando-se de grande conveniência para a realização desses melhoramentos um conhecimento da realidade internacional, será atribuído ao Inspetor Geral de Obras, Casimiro Jeronymo de Faria, um subsídio de viagem na importância de duzentos e cinquenta mil reis para durante vinte e cinco a trinta dias ir a França e Bélgica visitar e estudar construções congêneres e outras que interessem aos serviços de beneficência.

Em sessão de 16 de janeiro de 1908 será presente pelo engenheiro Casimiro Faria a memória descritiva, orçamentos e plantas relativas ao novo Balneário, contemplando uma área de mais de 2000 metros quadrados:

*“Reconhecida a necessidade e conveniência da obra, formado o seu plano, principiou logo a sua execução para que podesse ainda ser aproveitada no actual verão. Assim*

<sup>3</sup> Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1886/87, p.238.

<sup>4</sup> *Ibidem*, 1903/04, p.136.

<sup>5</sup> Note-se que no verão era frequente esperar-se uma e duas horas para ter vez na cabine, não obstante abrir o balneário às 5 e meia horas da manhã e fechar às 10 e meia. Vd. a este propósito, *Ibidem*, 1908/09, p. 555.

*foi em quatro mezes transformado um recinto enorme, aonde havia montes de entulho, ar mephitico, immundicie e em grande parte escuridão completa. Fizeram-se abobadilhas, pavimentos de madeira e de mozaico, divisões, enca-namentos, rasgaram-se paredes para deixar penetrar a luz e o ar, assentaram-se os aparelhos, adaptou-se o mobiliário, tudo ficou prompto a funcionar no praso fixado que era realmente curto...”<sup>6</sup>*

Ao fim de 4 meses de enérgicas e céleres obras será inaugurado o Novo Balneário Público do Hospital, conjuntamente com a nova lavandaria<sup>7</sup>, em sessão solene de 12 junho de 1908, com convite ao Governador Civil do Distrito, Câmara Municipal, corpo clínico do hospital, professores e alunos da Escola Médico-Cirúrgica, e vários jornais da cidade. A comemoração viria a ser alargada ao dia 13 junho, desta vez ao público em geral, conforme tradição de abertura do hospital aquando dia do seu padroeiro.

Instalado na ala norte, com entrada exterior pelo arruamento Rua Dr. Tiago d’Almeida, abre oficialmente ao público a 14 de junho. Tinha por fim fornecer banhos, “estendendo o beneficio da limpeza e da «hydrotherapia» a pessoas cuja saúde precise desse auxilio, e cujos meios de fortuna, estão acima da indigência, não lhes permitindo montar em suas casas esse serviço de águas.”<sup>8</sup>

De acordo com o seu regulamento<sup>9</sup> forneceria banhos gratuitos a:

- indigentes externos ou internados no hospital;
- médicos residentes no distrito do Porto;
- todo o pessoal dos estabelecimentos da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

Contudo de forma a cobrir as despesas do balneário gratuito de indigentes contempla ainda banhos pagos aos designados pensionistas<sup>10</sup>.

O Balneário de *soalho todo de mosaico, pintado a branco e com a montagem dos aparelhos executada pelo snr. J. Minchin*, dividia-se assim em secção dos pensionistas, com separação por sexos, e uma secção de indigentes, comum a ambos os sexos, sendo por isso os banhos administrados em horários distintos, com exceção dos dias de descanso semanal, quintas-feiras e domingos, de tarde.

<sup>6</sup> *Ibidem*, 1908/09, p. xi.

<sup>7</sup> *Ibidem*, 1907/08, p.145.

<sup>8</sup> *Questão do Balneário do Hospital Geral de Santo António*. Porto: 1911, p. 8.

<sup>9</sup> *Regulamento do Balneário do Hospital de Santo António*. Porto: 1911, Artigo 2º.

<sup>10</sup> *Ibidem*, Artigo 3º.

Na secção dos indigentes o horario será o seguinte :

TERÇO	}	interios	Homens . . . . .	6	às 7 da manhã
		interios	Mulheres . . . . .	7	às 8 da manhã
	}	exterios	Homens . . . . .	3	às 4 da tarde
		exterios	Mulheres . . . . .	8	às 9 da manhã
			2	às 3 da tarde	
INVERNO	}	interios	Homens . . . . .	7	às 7 ½ da manhã
		interios	Mulheres . . . . .	7	½ às 8 da manhã
	}	exterios	Homens . . . . .	9	às 10 da manhã
		exterios	Mulheres . . . . .	3	às 4 da tarde
			8	às 9 da manhã	
			2	às 3 da tarde	

Nas secções dos pensionistas os banhos serão dados :

VERÃO	}	das 6 às 10 da manhã e
	}	das 2 às 4 da tarde
INVERNO	}	das 7 às 10 da manhã e
	}	das 2 às 4 da tarde

A's quintas feiras e domingos, de tarde, não haverá banhos, em obediencia á lei do descanso semanal.

Fig. 1 – Horário de funcionamento (in Regulamento do Balneário Regulamento do Balneário do Hospital de Santo António. Porto: 1911, p.4)

Os seus compartimentos acham-se minuciosamente descritos no *Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia* de 1907/08:

*“O balneario é um estabelecimento luxuoso, confortável e de primeira ordem, excellentemente instalado.*

*Mal se dá ingresso no vestíbulo, muito vasto, vêm-se alguns bancos de riga, um elegante bengaleiro da mesma madeira com embutidos de magníficos mosaicos, algumas columnas encimadas com vasos de faianças contendo plantas de fino gosto.*

*Logo ao lado direito ficam as retretes para homens e senhoras, montadas com o mais rigoroso escrupulo de aceio e limpeza, alliado ao maior conforto. (...)”<sup>11</sup>*

E esmiuçada a descrição de cada uma das suas secções no relatório do ano subsequente:

*“Assim falando do conjuncto, podemos dividil-a em tres secções: uma destinada aos homens, outra às senhoras, e a terceira aos indigentes.*

*A primeira já se achava construída o anno passado e apenas n’ ella se transformou, a retrete destinada às senhoras em um quarto de banho de imersão”<sup>12</sup>,*

<sup>11</sup> *Ibidem*, 1907/08, p.148.

<sup>12</sup> *Ibidem*, 1908/09, p.421.

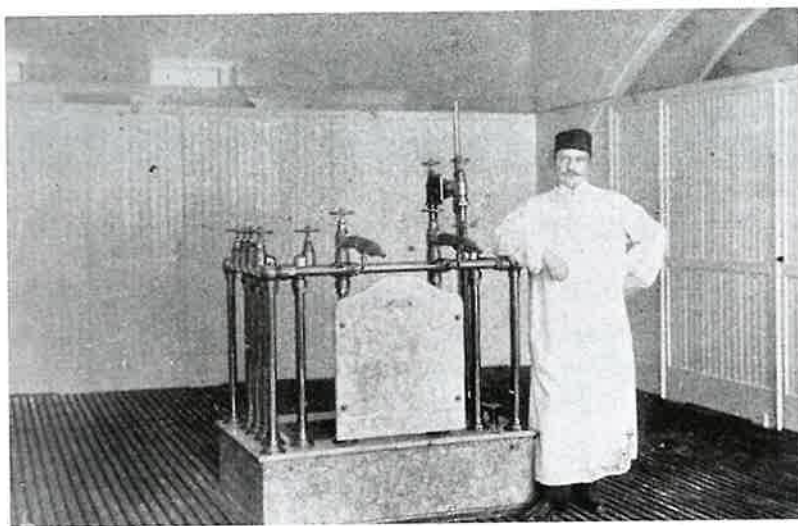


ficando portanto esta secção com salas de espera, massagem e duches, dez cabines para duche e cinco quartos para banhos de imersão<sup>13</sup>.

A seguir principiaria a segunda secção destinada às senhoras:

*“Esta secção compreende: uma sala de espera, tendo junto um gabinete de toilette (...) uma sala de hydrotherapia com seis vestiarios ou cabines, tendo uma tribuna construida unicamente com metal e marmore, de modo a conservar-se n´um estado perfeito de limpeza e asepsia, e portanto sem os inconvenientes das tribunas construidas de madeira. Esta tribuna tem um aparelho misturador de agua fria e quente, munido de um thermometro, de modo a poder-se obter a temperatura indicada pelos clínicos.”*<sup>14</sup>

São ainda descritos os inúmeros aparelhos e aplicações para as diferentes tipologias de duches – parcial para toda a coluna vertebral; parcial dorsal para os três plexos, cervical, lombar e sacros; de vapor simples ou saturado com substâncias medicamentosas – sala das sudações e fumigações; sala destinada a duche ascendente e massagem debaixo de água, modelo de Vichy; quarto de repouso; cinco quartos para banhos de imersão; rouparia; gabinete médico; e sala de mecanoterapia.<sup>15</sup>



**Fig. 2** – Tribuna dos *douches* para senhoras pensionistas e o diretor do Balneário – Dr. Alberto Ribeiro (in *Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia*. Porto: SC MP, 1908/09, p. 559)

<sup>13</sup> *Ibidem*, 1908/09, p.555.

<sup>14</sup> *Ibidem*, 1908/09, p.421.

<sup>15</sup> *Ibidem*, 1908/09, pp.422 e 423.

A terceira secção destinada aos indigentes compreenderia:

*“uma sala de espera, uma sala destinada a rouparia, uma retrete, uma sala de massagem manual, uma sala de duches com seis quartos vestiários ou cabines, e cinco quartos com banheiras de imersão de ferro esmaltado. A sala de duches tem os mesmos aparelhos da sala de segunda secção menos o duche de vapor, sendo a tribuna tambem do mesmo systema mas mais modesta pois é constituída por ferro, metal e mármore. (...) Junto a esta secção ha os banhos medicinaes sulfurosos, que se compõem de seis quartos com banheiras de marmore (...).”<sup>16</sup>*

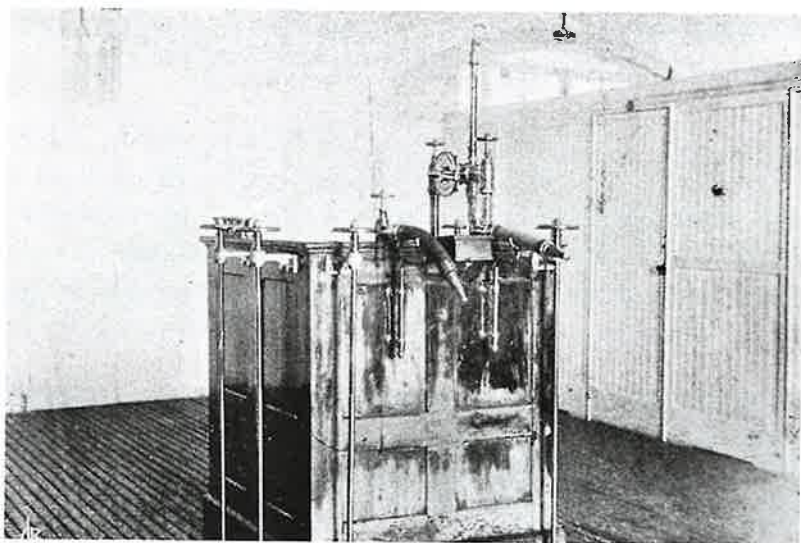


Fig. 3 – Tribuna dos douches para homens pensionistas (in Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1908/09, p.559)

As regras de concessão de banhos a indigentes indicavam a necessidade de estes apresentarem comprovativo de pobreza, por atestado emitido pela Junta da Paróquia de residência, pela Câmara Municipal, ou por qualquer vogal da Mesa da Santa Casa da Misericórdia. O uso de banhos a indigentes deveria ser somente prescrito por médicos do HSA em receita, até a um máximo de 30 banhos por receita, devendo esta ser visada pelo diretor do Balneário autorizando a aplicação do mesmo. Findos estes, só poderiam continuar com nova receita do diretor clínico do Hospital ou do Balneário.

Relativamente aos pensionistas, na primeira vez que frequentassem o Balneário, deveriam apresentar receita de qualquer médico com prescrição de banhos medicamentosos ou duches, visada igualmente pelo diretor do Balneário.

<sup>16</sup> *Ibidem*, 1908/09, p.423.



A direção do Balneário estava entregue a um médico responsável pelas atribuições técnicas e administrativas de orgânica do serviço. Apesar do Dr. Aleixo Guerra, enquanto medico auxiliar e inspetor sanitário escolar, se propor a assumir a direção técnica, será convidado para assumir este lugar o Dr. Alberto Ribeiro (cargo que exercerá até à década de 40), sendo da sua responsabilidade o bom funcionamento do serviço, mas também, e sendo esta uma novidade para o meio clínico, a combinação dos agentes físicos com os agentes medicamentosos rigorosamente doseados e cuidadosamente aplicados.

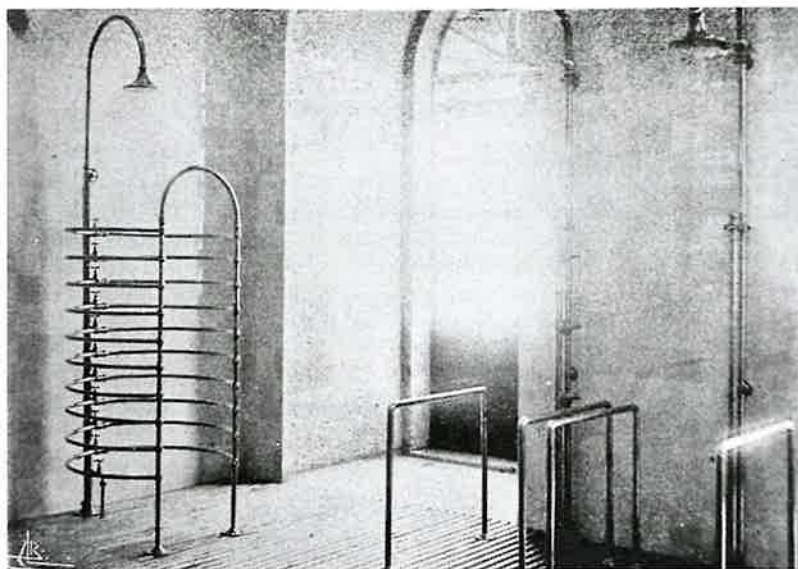


Fig. 4 – Tribuna dos *douches* para senhoras pensionistas (in *Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia*. Porto: SC MP, 1908/09, p. 559)

Do quadro de pessoal faziam ainda parte:

- Bilheteiro: que deveria antes de entrar em exercício, prestar a fiança de cem mil réis, sendo responsável pelas senhas dos banhos entregues pela Secretaria do Hospital, à qual deveria prestar contas diariamente, quer do movimento de senhas e banhos, mas também das peças de roupa enviadas à Lavandaria;
- *Duchistas* (Homem e Mulher): competindo-lhes além dos serviços técnicos e de limpeza, que lhes forem indicados, conservar sob a sua guarda a roupa confiada pela Alfaiaria; vigiar o serviço de limpeza, conservação do Balneário e de todos os seus aparelhos e artigos; bem como procurar a possível economia dos diferentes artigos consumidos no Balneário;

- Ajudantes de *Duchistas e Creados* (Homem e Mulher): os quais deveriam executar qualquer serviço ou ordem emanada do *Duchista* da sua secção; tratar com a máxima urbanidade e respeito todos os clientes; e dividir com os *Duchistas* semanalmente o serviço de roupa, enviando diariamente a roupa à Lavandaria e recebendo em troca outra limpa;
- Porteiro: responsável pela abertura e encerramento da porta do Balneário; pelo cumprimento da ordem e disciplina; recepção das senhas que lançará em caixas de que só o Diretor terá as chaves, dando em troca fichas conforme a qualidade dos banhos; e por receber e contar as fichas.

### DESPESA

Salários pagos ao pessoal . . . . .	2:340\$65
Lavagem da roupa . . . . .	1:100\$93(5)
Água . . . . .	903\$79
Despesa do vapor com todos os banhos . . . . .	1:842\$78(7)
Despesa com a energia eléctrica . . . . .	187\$35(3)
Inutilização de lençóis . . . . .	184\$50
Concertos e reparações . . . . .	361\$13(5)
Miudesas, sabonetes, pomada, etc. . . . .	165\$01(5)
Substâncias medicamentosas . . . . .	152\$94(5)
<i>Soma a despesa</i> . . . . .	7:239\$11
<i>Saldo a favor</i> . . . . .	2:070\$82 -
	9:309\$93

Fig. 5 – Artigos Consumidos (in Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1913/14, p.138)

O uso de banhos seria assim facultado de acordo com a apresentação de uma senha, distinta conforme a qualidade do banho, válida por três dias, ou no caso das séries de 10 banhos por sessenta dias.<sup>17</sup> Cada banhista recebia em troca da senha, que comprovava o pagamento do banho, uma ficha metálica numerada, que indicava o número de ordem e a qualidade do banho. Devido à grande afluência<sup>18</sup> e aos abusos na excessiva duração dos banhos de imersão, chamados de limpeza ou asseio, foram colocados avisos de como não se deveria demorar mais de 30 minutos, salvo indicação médica

<sup>17</sup> A indisciplina relacionada com esta matéria levará a constantes alterações destes prazos.

<sup>18</sup> De 1908 até 30 de junho de 1909 deram-se 43:734 banhos, dos quais 15:460 gratuitos, sendo estes a doentes internos 6:770 e a externos 8:690. Os banhos pagos produziram de receita 4:738\$370 reis. Note-se que os rendimentos desde 1904 seriam: 213\$460 (1904-1905); 1:351\$800 (1905-1906); 2:333\$500 (1906-1907); 2:666\$190 (1907-1908) – Vd., *Ibidem*, 1908/1909, p. xii e p.388.



dos estabelecimentos congéneres particulares para este Balneário levou a que vários protestos se levantassem contra o funcionamento, autorização legal e modicidade dos preços praticados pelo Balneário do HSA, alegando-se que o mesmo representaria um atentado contra a iniciativa particular, quer impedindo a fundação de outros novos, quer aniquilando os estabelecimentos já existentes<sup>22</sup>, por não poderem usufruir das mesmas vantagens e concessões<sup>23</sup>.

Tendo em consideração os custos associados e não tendo como função exercer uma indústria que fizesse concorrência ruínosa a outros estabelecimentos congéneres de iniciativa particular, a direção administrativa do HSA propõe a extinção do Balneário para pensionistas, arrendando-o<sup>24</sup>. Contudo após nova deliberação e, segundo novas regras de funcionamento e orgânica, propostas pelo vice-provedor José Corrêa Pacheco, continuará o mesmo sob a direção do HSA, sendo inclusivamente um meio de fazer face às despesas do balneário gratuito de indigentes

## Notas finais

Apesar de continuar a prestar excelentes serviços, com introdução de novas valências, como a irrigações, pulverizações, inalações e fricções mercuriais (1912) e banhos de «bolhas de ar» “*muito eficazes no tratamento e cura de afecções do coração, doenças nervosas, rins, arteriosclerose, artrismo, reumatismo, gôta, nevralgias.*”<sup>25</sup>, denota-se uma inércia na década de 20 e 30 do séc. XX, em grande medida devido à continua irregularidade do fornecimento de água ou da sua aplicação imprópria devido à sua natureza argilosa, levando frequentemente à paralisação dos serviços, elevado tempo de espera dos banhistas e constante aumento do preço dos banhos.

Após este período de estagnação, senão de retrocesso, fazem-se obras de reparação e acrescento de seis cabines para banhos de imersão, a fim de se evitar a demora dos clientes e, prossegue-se um esforço de reforço do número de profissionais.

<sup>22</sup> Nesta época, existiam já outros estabelecimentos de banhos públicos, sobretudo de iniciativa privada – “*Instituto Sanitário Hidroterápico do Grande Hotel do Porto*”, fundado em fevereiro de 1881 pelo médico brasileiro Dr. Miguel Couto dos Santos e que contou com a colaboração e posterior direção do Dr. Ricardo Jorge; “*Hotel de Francfort*”, instalado no n.º 35 da Rua de D. Pedro sob a direção de François Bubel; “*Balneário da Rua de Santo António*”, instituído por uma empresa, em 7/03/1854 e extinto em 27/09/1909 – entre outros Balneários Públicos Municipais (gratuitos) e o “*Balneário do Hospital de Alienados*”. Sobre este tema, veja-se LIMA, António Pires de. – *Balneários do Porto. O Tripeiro.* (Série V, Ano V), p. 64; SALES, Amadeu. – *Acerca de um notável posto médico portuense. O Tripeiro.* (Série V, Ano XII), pp. 230 a 233; *Balneário da Rua de Santo António. O Tripeiro.* (Série VI, Ano IV), pp. 335 e 336.

<sup>23</sup> Note-se que a Companhia das Águas aplicava um abatimento de 33% ao preço do metro cúbico da água, custando assim cerca de 67 reis/m<sup>3</sup> ao HSA, enquanto aos demais custaria 100 reis.

<sup>24</sup> Veja-se, a propósito, *Questão do Balneário do Hospital Geral de Santo António*. Porto: 1911.

<sup>25</sup> Ata da Sessão de 17 de setembro de 1917.

Nos anos 40, acompanhando as tendências da medicina e da sociedade e dos seus hábitos, são estas valências incorporadas no serviço de Fisioterapia, sendo em 1949 solicitada a sua integração nas especialidades da Ordem dos Médicos.

Nos anos 50, devido ao fraco movimento do Balneário dos Indigentes, ocorrerá uma redução do horário, bem como uma redução dos quadros de pessoal, passando os serviços a serem assegurados pelo pessoal dos dois restantes balneários.

Contudo serão os aumentos sucessivos do custo do combustível, da água e dos produtos medicamentosos, bem como a carência de atualização e premência de adaptação das instalações aos progressos das Ciências da Saúde, que estarão na base da implementação de diversas medidas, ao longo dos anos 60 e 70 do séc. XX, indissociáveis do seu trajeto futuro:

- Em 1962 ocorre "a transferência do balneário geral e respectiva adaptação das dependências para ampliação das instalações de Raios X e ainda, uma parte do lado Norte, para a consulta de Cirurgia Plástica"<sup>26</sup>;
- Em 1964 face "ao avultado défice anual, o período de funcionamento do Balneário foi reduzido para de segunda a sexta-feira apenas das 7h30 às 10h00. (...)

Deixa de vigorar a decisão segundo a qual os funcionários do Hospital podiam utilizar o balneário até 2 vezes gratuitamente, sendo somente contemplados os funcionários residentes no Hospital, que poderão utilizar os diversos chuveiros existentes, de acordo com esquema a estabelecer pela Fiscalização (...)

Transformação do antigo balneário (sector feminino) em zona de Consultas, Aceitação de Doentes e acessos do exterior; e construção de novas consultas na zona destinada a esse fim, bem como instalação do novo arquivo do Hospital"<sup>27</sup>.

#### *A tabela de preços a cobrar passará a ser :*

Banhos gerais . . . . .	12\$50 a)
Duches . . . . .	12\$50 a)
Sulfurosos . . . . .	20\$00
Chuva . . . . .	12\$50
Banho turco. . . . .	25\$00
Sabonete . . . . .	2\$50
Toalha de rosto . . . . .	2\$50

Fig. 7 – Tabela de preços em 1964. (in Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1964, p.59)

<sup>26</sup> Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1962, p.46.

<sup>27</sup> Ibidem, 1964, pp.59 e 75.



Da análise do relatório da Direção Clínica de 1965, podemos constatar as preocupações do diretor clínico, Dr. Alberto de Freitas, relativamente ao estado de abandono em que se encontrava este serviço: “Este antigo departamento hospitalar, única instalação deste género no Porto, votado ao mais completo abandono, merece, contudo, a nosso ver, uma atenção esclarecida, porquanto a sua frequência nos aconselha esta medida. Basta considerar o movimento atrás apontado e o seu conseqüente rendimento, aliado ao interesse que os seus frequentadores já por mais de uma vez têm manifestado através de exposições escritas”<sup>28</sup>. Volvidos três anos o então diretor clínico, Dr. Domingos Braga da Cruz, chegará inclusive a conjecturar a sua modernização e instalação em local diferente, de acordo com o Plano Diretor desenvolvido por parte dos técnicos da Direção Geral dos Hospitais<sup>29</sup>. Contudo no princípio dos anos 70, às duas componentes iniciais (Balneário e Agentes Físicos) vem associar-se a Reabilitação, sendo fundado o novo Serviço de Medicina Física e de Reabilitação, sob a direção do Dr. Rogério Ribeiro, no edifício do Hospital Rodrigues Semide. As crescentes vertentes formativas, científicas e assistenciais, bem como a criação de áreas de sub especialização, ditarão nos inícios dos anos 80 o abandono e encerramento em definitivo daquela que foi durante décadas a única instalação deste género no Porto.

## Bibliografia

- ABREU, Augusto Cesário de Vasconcellos – *Um Capítulo de Hydrotherapia dos efeitos physiologicos e therapeuticos dos principaes agentes hydrotherapicos*. Dissertação inaugural apresentada à Escola Medico-Cirurgica do Porto. Porto, 1877.
- Balneário da Rua de Santo António. O Tripeiro. (Série VI, Ano IV), pp. 335 e 336.
- LIMA, António Pires de. – *Balneários do Porto*. O Tripeiro. (Série V, Ano V), p. 64.
- Questão do Balneário do Hospital Geral de Santo António. Porto:1911.
- Regulamento do Balneário do Hospital de Santo António. Porto: 1911.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1886/87, p.238.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1903/04, p.136.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1907/08, pp. 145 e 148.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1908/09, pp. ix, xii, 158, 388, 421-423, 554, 555 e 558-559.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1909/10, p. ix.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1913/14, p. 138.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1962, p. 46.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1964, pp. 59 e 75.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1965, p. 132.
- Relatório da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. Porto: SCMP, 1968, p. 114.
- SALES, Amadeu. – *Acerca de um notável posto médico portuense*. O Tripeiro. (Série V, Ano XII), pp. 230 a 233.

<sup>28</sup> *Ibidem*, 1965, p.132.

<sup>29</sup> *Ibidem*, 1968, p.114.